
Ícones quebrados, ícones renovados: iconoclastia e memória coletiva¹

Francielle CZARNESKI²
Universidade Tuiuti do Paraná, PR

RESUMO

O estudo examina a iconoclastia sob a teoria de cultura de mídia de Douglas Kellner (2006). Explora o incidente contemporâneo da destruição da placa em homenagem a Marielle Franco por deputados, interpretando a ação como uma estratégia para desafiar oponentes e alimentar tensões políticas. A análise revela a complexidade da cultura do espetáculo na sociedade contemporânea, destacando o poder simbólico e político das imagens e as tensões em uma cultura marcada pela espetacularização da política e violência.

PALAVRAS-CHAVE: Iconoclastia, Marielle Franco, teoria da imagem, cultura de mídia, espetacularidade

INTRODUÇÃO

O presente estudo explora a interconexão entre iconoclastia, teoria da imagem e teoria social crítica, utilizando como foco o caso emblemático de Marielle Franco. A escolha desta temática fundamenta-se na relevância contemporânea das discussões sobre o papel das imagens na esfera pública, especialmente quando associadas a figuras públicas cuja influência transcende sua existência física. O objetivo é compreender a influência das imagens após a morte de Marielle Franco, vereadora e defensora dos Direitos Humanos, cujo assassinato gerou comoção nacional e internacional. A abordagem teórica interdisciplinar se baseia nos fundamentos de Hans Belting (2014) sobre a natureza fluida e contextual da imagem, nas reflexões de Alberto Klein (2021) sobre a iconoclastia como um gesto emotivo e violento, e na proposta de Douglas Kellner (2006) sobre a teoria crítica social.

FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

¹ Trabalho apresentado no GP Estéticas, Políticas do Corpo e Interseccionalidades, XIX Encontro dos Grupos de Pesquisas em Comunicação, evento componente do 47º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.

² Mestranda em Comunicação e Linguagens PPGCom-UTP, email: fran.czarneski@hotmail.com.

A base teórica deste estudo apoia-se em uma tríade de conceitos-chave que esclarecem a intrincada relação entre imagens, iconoclastia e espetacularidade. Cada um desses pilares – a teoria da imagem de Hans Belting (2014), as reflexões acerca do gesto iconoclasta de Alberto Klein (2021) e a teoria da cultura da mídia e triunfo do espetáculo de Douglas Kellner (2006) – oferece perspectivas distintas que proporcionam uma compreensão profunda do tópico em análise.

Hans Belting (2014) argumenta que a compreensão das imagens vai além da sua manifestação física, considerando seu contexto cultural, histórico e individual. Suas teorias destacam que a interpretação das imagens é fortemente influenciada pelas crenças arraigadas, práticas sociais e tecnologias de uma sociedade específica. A imagem não é uma entidade autônoma, mas sim uma construção simbólica que depende das crenças arraigadas, práticas sociais e tecnologias predominantes em uma sociedade específica. Belting (2014) sugere que qualquer elemento que capte a atenção, seja ele externo ou interno, pode ser interpretado como uma imagem.

Alberto Klein (2021) explora a iconoclastia como um gesto violento que visa a destruição de imagens para desafiar o que elas representam. Esse ato é frequentemente teatral e desmedido, permeado por emoções e busca impor um castigo às imagens pelo que elas representam. Klein (2021) destaca que a iconoclastia é um ato simbólico e espetacular, que visa chamar a atenção e provocar uma resposta emocional no público.

Douglas Kellner (2006) oferece uma análise da crescente influência da cultura do espetáculo na sociedade contemporânea. Ele argumenta que estamos testemunhando o surgimento de uma nova configuração cultural, caracterizada pela proliferação de megaespetáculos e eventos interativos que permeiam diversos aspectos da vida moderna, desde a economia até a política e vida cotidiana. A mídia desempenha um papel central na produção desses espetáculos, transformando eventos sociais e políticos em narrativas sensacionalistas que moldam a percepção pública e influenciam os pensamentos, comportamentos e identidades individuais e coletivas.

METODOLOGIA

A metodologia adotada consiste em uma análise das imagens associadas a Marielle Franco, considerando a teoria da imagem de Hans Belting (2014) como base interpretativa. As técnicas de análise incluem a contextualização histórica e cultural das imagens, assim como a observação da iconoclastia e suas implicações simbólicas. A

coleta de dados se apoia em fontes diversas, incluindo material visual, documentos midiáticos e análises críticas existentes sobre o tema.

O caso de Marielle Franco é utilizado para explorar como a iconoclastia e a espetacularidade se manifestam na sociedade contemporânea. A análise detalhada dos eventos que envolveram a destruição de símbolos associados a Marielle Franco e a reação pública subsequente oferece uma compreensão das complexidades inerentes à iconoclastia contemporânea.

ANÁLISE A PARTIR DO CASO MARIELLE FRANCO

Durante as eleições presidenciais de 2018, dois políticos do Partido Social Liberal (PSL) quebraram publicamente uma placa em homenagem a Marielle Franco, poucos meses após seu assassinato (CRUZ, 2018). Esse gesto foi amplamente interpretado como um ato iconoclasta, destinado a desafiar e apagar os significados associados à figura de Marielle Franco. A destruição da placa foi um ato simbólico de resistência e provocação, que buscava não apenas apagar a memória de Marielle, mas também reforçar a polarização política da época. A ação dos deputados exemplifica a iconoclastia como uma estratégia política, onde a destruição de símbolos serve como um meio de desafiar e provocar oponentes.

A reação do público foi rápida e significativa. Manifestantes se reuniram na Cinelândia, no Rio de Janeiro, para expressar sua solidariedade e repúdio à destruição da placa. Mil novas placas com o nome de Marielle Franco foram distribuídas e um mosaico humano foi formado para escrever seu nome, visto do alto (DW, 2018). Essa resposta pública ilustra como a iconoclastia, mesmo quando destrói símbolos físicos, não pode apagar as imagens internalizadas na sociedade. A ação dos manifestantes reforça a persistência das imagens internas e a resiliência simbólica, alinhando-se à teoria de Belting (2014).

Quatro anos após o incidente, os mesmos deputados envolvidos na destruição da placa publicaram uma foto segurando a metade emoldurada da placa danificada, acompanhados de um fuzil e de um retrato do senador Flávio Bolsonaro (SARTORI, 2022). Essa atitude demonstra a persistência da iconoclastia como uma estratégia política e a utilização da mídia para transformar o gesto iconoclasta em um espetáculo político. A exibição pública contínua do ato de destruição visa reforçar a narrativa inicial e provocar uma resposta, destacando a espetacularidade da iconoclastia contemporânea. A

banalização da violência e da iconoclastia na esfera pública é preocupante, pois reforça uma cultura de confronto e antagonismo na política. Ao retratar o ato de destruir um símbolo político como um gesto de desafio e provocação, os deputados minimizam a gravidade de suas ações e contribuem para a perpetuação de uma cultura de violência.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este estudo evidencia a complexidade das interações entre imagem, presença icônica e sociedade, destacando a necessidade de uma abordagem mais aprofundada para compreender os impactos dos atos iconoclastas na construção simbólica da sociedade contemporânea. A iconoclastia, longe de apagar uma imagem, muitas vezes fortalece sua presença simbólica, gerando um impacto paradoxal. A destruição da imagem de Marielle Franco pelos deputados não só desafiou sua presença física, mas também intensificou sua presença simbólica, consolidando-a como um ícone de resistência e luta pelos direitos humanos.

Por ser um gesto simbólico e envolto em espetacularização, a iconoclastia pode fortalecer a figura do indivíduo representado, transformando-o em um “mito midiático”. Dessa forma, ao destruir a imagem de Marielle Franco, os deputados não apenas desafiaram sua presença física, mas também intensificaram sua presença simbólica na esfera pública, consolidando-a como um ícone de resistência e luta pelos direitos humanos. O estudo destaca a importância de uma abordagem crítica e interdisciplinar para entender a iconoclastia e seus desdobramentos na sociedade atual, sugerindo que futuras pesquisas explorem mais profundamente as nuances desse fenômeno e seu impacto na construção simbólica da sociedade.

Porém o estudo apresenta limitações como a falta de uma exploração mais profunda das motivações individuais dos deputados envolvidos na destruição da placa, bem como das reações específicas da sociedade diante desse evento. Futuras pesquisas poderiam investigar mais detalhadamente essas questões, além de explorar como diferentes grupos sociais percebem e reagem aos gestos iconoclastas. Seria relevante examinar o impacto desses atos na memória coletiva e na opinião pública, considerando seu potencial de reforçar ou minar determinadas posições políticas. Além disso, estudos poderiam explorar a relação entre iconoclastia e outras formas de violência simbólica, bem como o papel das mídias sociais na amplificação desses gestos.

Em suma, a pesquisa sobre iconoclastia contemporânea e cultura do espetáculo, centrada no caso de Marielle Franco, oferece uma visão das dinâmicas complexas que envolvem a destruição de imagens e sua persistência simbólica. Ao explorar esses temas, o estudo contribui para uma compreensão das forças sociais e políticas que moldam a percepção pública e a memória coletiva na sociedade contemporânea.

REFERÊNCIAS

ATO DISTRIBUIU MIL PLACAS COM O NOME DE MARIELLE NO RIO. **Deutsche Welle**, 2018. Disponível em: <<https://www.dw.com/pt-br/ato-distribui-mil-placas-com-nome-de-marielle-no-rio/a-45887808>> Último acesso em: 23/04/2024

BELTING, Hans. **Antropologia da imagem: para uma ciência da imagem**. KKYM+ EAUM-Escola de Arquitectura, Universidade do Minho, 2014.

CRUZ, Maria Teresa. Apoiadores de Bolsonaro destroem homenagem em placa de rua para Marielle Franco. **Ponte**, 2018. Disponível em: <<https://ponte.org/apoiadores-de-bolsonaro-quebram-placa-de-rua-com-nome-de-marielle-franco/>> Último acesso: 23/04/2024

KELLNER, Douglas (2004). CULTURA DE MÍDIA E TRIUNFO DO ESPETÁCULO. *Sociedade midiaticizada*, v. 1, p. 119-140, 2006.

KLEIN, Alberto. Contra imagens: apagamento, iconoclastia, devoração e demonização. **Revista Concinnitas**, v. 22, n. 42, p. 103-119, 2021.

SARTORI, Caio. Quatro anos depois, dupla posa de novo com placa quebrada de Marielle. **Veja**, 2022. Disponível em: <<https://veja.abril.com.br/politica/quatro-anos-depois-dupla-posa-de-novo-com-placa-quebrada-de-marielle>> Último acesso: 23/04/2024